

ígneas (granito Itu), metamórficas (milonitos, Grupo São Roque) e sedimentares (Subgrupo Itararé). Em cada um dos dias, os alunos, em grupos de 3 ou 4, efetuam o mapeamento de no mínimo 1 quilômetro quadrado em cada um dos tipos de terrenos, em escala 1:10.000.

AVALIAÇÃO

O curso, mais objetivo que os equivalentes anteriores, elimina as superposições desnecessárias, e discute os fenômenos geológicos frente à Tectônica Global. Insiste-se ainda em exposições acentuadas ao trabalho com bússola, minerais, rochas e mapas, esperando com isto familiarização precoce, mas necessária, com esses tópicos. A excursão final, embora oferecida num contexto de observação pouco aprofundada, mostra de maneira realista as condições de trabalho no terreno.

No ensino da disciplina e elaboração das aulas práticas colaboraram, nos dois últimos anos, os docentes U.G.Cordani, J.B. Sígolo, C.C.G.Tassinari, E.Ruberti, D.Atêncio, C.Ricomini, T.R.Fairchild (incorporado à disciplina em 1995), e J.K. Yamamoto.

Discente - Rafael Hernandez

A disciplina, com relação ao seu programa, cumpre as propostas e necessidades do currículo novo, mostrando-se como uma síntese do curso de Geologia e apresentando, de modo claro e sucinto, a base da Geologia para os alunos ingressantes e estimulando neles a continuação do curso.

A interdisciplinaridade tem se mostrado como uma ótima forma para que se atinjam os objetivos do novo currículo, mas também se revela como um problema quanto à falta de comunicação entre os docentes que ministram a matéria.

Os trabalhos de campo realizados cumprem seus objetivos e possibilitam uma visão paupável do que se aprende em aula e estão sempre conectados e contemporâneos ao assunto abordado nas aulas teóricas, e também, o número de aulas de campo é suficiente para atender as necessidades do curso.

O caráter interdisciplinar mostra de início (aos ingressantes ou não) que seu objetivo é unir os conceitos de Geologia para que o estudo seja mais interessante e mais lógico, e para que o aluno tenha uma visão global do que é a Geologia.

044 300 Sensoriamento Remoto e Fotogeologia

Professor Teodoro Ribeiro Isnard de Almeida

A disciplina veio substituir duas outras do currículo antigo, respectivamente Fotogeologia e Fotogrametria representando importante atualização programática frente ao que era apresentado. Seu caráter interdepartamental pretendeu trazer à

disciplina diferentes experiências e mesmo abordagens, o que conceitualmente parece correto. O nome da disciplina deveria ser alterado para Sensoriamento Remoto Geológico, pois o atual perpetua o equívoco de que fotografias são produtos à parte do sensoriamento remoto, o que é absolutamente falso. Razões burocráticas - exigência do currículo mínimo e geologia da existência da disciplina Fotogeologia - foram responsáveis pela manutenção do termo Fotogeologia, mas isto deve ser verificado novamente, procedendo-se à adequação do nome assim que possível.

Neste primeiro semestre em que foi apresentada, a disciplina apresentou algumas dificuldades:

- sentiu-se falta de uma espinha dorsal mais clara, o que implicou, muitas vezes, em aulas estanques, não existindo bom encadeamento;
- o corpo docente reuniu-se pouco, o que impossibilitou uma análise contínua e eventuais correções de percurso ao longo mesmo do semestre;
- embora os alunos tenham caracterizado, informalmente, a disciplina como interessante e mais suave que a média das obrigatórias concomitantes, seu desempenho na execução dos inúmeros exercícios deixou a desejar, com os atrasos na entrega sendo muito frequentes.

Lucelene Martins (Discente)

A disciplina 044-300 - Sensoriamento Remoto oferecida pela primeira vez, engloba algumas disciplinas do currículo vigente, tem caráter interdepartamental e anual e seus professores foram escolhidos de maneira a poderem oferecer um curso completo.

O primeiro e maior problema enfrentado pelo curso foi exatamente uma má distribuição da carga horária juntamente com outras matérias do primeiro semestre de 1996. Devido a esse desarranjo ocorreu por parte dos alunos, se não com pesar, um desinteresse e falta de tempo para com a matéria que exige muitas atividades extra classe. Analisando o caso, poderia se apresentar como solução para este problema uma mudança do curso de sensoriamento remoto para um semestre onde ele não sofra perdas e os alunos tenham mais tempo para se dedicar. Como sugestão, poderíamos mudar a matéria do 3º para o 2º ano e matérias do 2º ano que não exigissem um trabalho extra classe tão profundo poderiam passar para o 3º ano. Como sugestão de mudança do 2º para o 3º ano temos Geoquímica ou Eletromagnetismo e Ondulatória, porém tudo deve ser discutido com muita cautela.

Apesar do corpo docente ser invejável, bem como o programa, percebeu-se uma falta de entrosamento entre os professores para decidir qual andamento deveria ser dado para o curso e quando combinariam geologia com sensoriamento remoto de maneira mais prática, o que acarretou numa superficialidade da matéria oferecida; com certeza este problema está acompanhado pela falta de tempo dos alunos. Com alunos e professores interessados em sanar o problema, como ocorre neste caso, no 2º semestre de 1996 o curso com certeza terá outro andamento, principalmente com o uso de ferramentas que possibilitem ao aluno estar sempre atualizado quanto às novas técnicas utilizadas no sensoriamento